

***“Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema”:***  
**encontro com o Programa Etnomatemática e com Ubiratan D’Ambrosio**



**Cristiane Coppe**

Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil

criscopp@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

<https://orcid.org/0000-0002-0378-810X>

O provérbio angolano “*Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema*” (“Vários nós tornam a corda comprida e muitos nascimentos alargam a família”), da tradição oral Chokwe, que tomei como inspiração para escrever esta crônica, diz muito sobre dois territórios onde pisei em dois momentos de minha trajetória: a formação inicial na Universidade Federal de Juiz de Fora e o início do mestrado na Unesp de Rio Claro.

“Vários nós tornam a corda comprida e muitos nascimentos alargam a família” é um provérbio que vem ao encontro de minha trajetória acadêmica. Uma partilha inspirada em um movimento Sankofa (ideograma da civilização Asante, atual Gana, pertencente ao conjunto de símbolos e códigos Adinkra que significa “conhecer o passado para melhorar o presente e construir o futuro”).

Os vários “nós” que foram feitos com esse movimento, alargando a minha família acadêmica, se encontram no contexto do Programa Etnomatemática. Foram tecidos nós fortes e resistentes que se sustentam até o dia de hoje e que “alargaram a família” em torno deste programa que vou compartilhar com vocês.

O ano era 1997 quando iniciei meu curso de graduação em Matemática na modalidade licenciatura na Universidade Federal de Juiz de Fora em Minas Gerais. O esperado primeiro dia de aula na UFJF chega “sem pedir licença”, com o início de uma rotina que se repetiria por alguns anos, fechando o ciclo de minha formação inicial em Matemática no Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora – ICE/UFJF.

No exercício de recordar vivências da minha formação inicial, foi inevitável pensar em minha atual atividade docente, pois atualmente busco colaborar na formação inicial de novos professores que ensinam matemática e com pesquisadores em educação matemática na Universidade Federal de Uberlândia. Acredito que a universidade é um marco na vida de muitas pessoas, mostrando e impondo suas políticas, seus interesses acadêmico-científicos, e, do meu ponto de vista, o que ela tem de melhor – a diversidade. Tal diversidade proporcionou-me, especificamente, nos semestre seguintes, na Faculdade de Educação da UFJF, o conhecimento e o reconhecimento de como se constituía o campo da educação matemática, e mais: de como eu poderia ser, além de “professora-transmissora de informações”, uma professora-educadora.

A diversidade não se dava apenas no conjunto de conteúdos e ideais em educação matemática e em matemática. Tive o imenso prazer de conhecer e me tornar amiga do colega Abdel Rahim Mohamed Ahmadou (Madiagne Diallo), compartilhando aulas comuns de Física e cálculo, do curso de Matemática. Recordo-me de uma aula de física teórica em que o professor explicava um problema do livro clássico do autor Halliday, em que detalhava o movimento circular de um loiô. Após todos os detalhes que cabiam ao problema, por parte do professor, Madiagne fez uma pergunta: “O que é um loiô?”. O silêncio estabeleceu-se e, para mim, aquela pergunta foi fascinante, desconstruindo, naturalmente, a postura do professor que havia apresentado toda a teoria sobre movimentos circulares em física, para o que se tem de mais relevante em uma sala aula: o contexto cultural.

O professor só perguntou: “Você não sabe o que é um loiô?”; ou seja: devolveu a pergunta, e disse: “Fica difícil te explicar, sem você saber o que é”. Sensibilidade zero! A aula acabou, e eu fui conversar com Madiagne. Disse que entendi que seria difícil compreender o movimento sem saber o que era um loiô, e combinei de levar um (aqueles, das antigas promoções da Coca-Cola) que tinha em casa, na aula seguinte. Assim o fiz. Outros colegas da minha turma também levaram um loiô, e antes da aula e no intervalo, fizemos vários movimentos circulares com o loiô e, especificamente, o que constava no

problema do Halliday. Madiagne falou que depois de conhecer o artefato, havia compreendido melhor o problema. E o professor? Ficou sabendo que levamos diversos ioiôs, e só deu uma risadinha, passando para o próximo tema do programa.

Eu e Madiagne formamos juntos e, além do problema do ioiô, guardo a lembrança de que em nossa colação de grau tocaram-se o hino brasileiro e, em seguida, o hino do Senegal. Na execução do hino do Senegal, o salão social do Banco do Brasil, onde se realizou a cerimônia, foi tomado de emoção pelos colegas estudantes senegaleses de outros cursos da UFJF. *Foi lindo de se ver!* Atualmente, Madiagne Diallo (fluyente em português, francês, inglês, alemão, espanhol e wolof; no entanto, falando sempre de sua família, principalmente de seu avô, de seu povo, de sua cultura e de religiosidade, ao longo do período que compartilhamos na graduação em Matemática), é pesquisador e especialista em pesquisa operacional, e foi homenageado com o Prêmio *African Evidence Leadership* em 2020, concedido pela Academia Africana de Ciências. Foi fundador da plataforma “*Science Advice Africa*”, e é professor do Departamento de Engenharia Industrial da PUC do Rio de Janeiro. *Um amigo que preciso reencontrar!*

O lugar da cultura e da diversidade, constando ou não oficialmente no Projeto Pedagógico do meu curso de matemática da UFJF, foi um tema discutido/refletido nos últimos anos de formação inicial, a partir de disciplinas pedagógicas realizadas na Faculdade de Educação da UFJF e a partir das aulas de Prática de Ensino de Matemática, ministradas pela professora Dra. Sônia Clareto (carinhosamente chamada por nós de Soninha). A partir da disciplina Prática de Ensino de Matemática, ministrada pela professora Sônia Clareto, pude conhecer referenciais teóricos em Educação (Matemática) que mudariam completamente o meu olhar para o ensino de matemática. Conheci, inicialmente, as ideias do autor Ubiratan D'Ambrosio, a partir da leitura que fizemos de sua obra “Educação Matemática: da teoria à prática” durante a disciplina. A cada leitura e discussão dos capítulos e das temáticas que atravessavam minha mente e me levavam a questionar, refletir e problematizar minha própria formação, adquiria o desejo de saber e de ler cada vez mais as ideias e propostas por Ubiratan D'Ambrosio. Tínhamos o privilégio

de ter a professora Soninha como mediadora desse processo e de ter contato com o autor juntamente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática na Unesp de Rio Claro. *Sim, conheci a criação antes de conhecer a criatura!*

A leitura da obra já traz em seu contexto um movimento Sankofa em que os capítulos dedicados à História da matemática e sobre o Programa Etnomatemática “roubaram a cena”. Foi preciso marcar uma conversa com a Soninha para ela me explicar melhor as ideias desse programa que tanto tinha a ver com as minhas experiências culturais e com a minha personalidade. Tinha a certeza de que era esse o caminho que queria traçar como pesquisadora e educadora matemática, enfim encontrei um tema e um autor que “alargou a minha família”. *Foi nesse momento que tudo realmente começou, meu encontro com o Programa Etnomatemática!*

Outros autores foram se juntando à minha família, tanto do campo da história da matemática, da história da educação matemática, da etnomatemática e da educação de um modo geral, quanto Paulo Freire, uma das referências marcantes em minha formação inicial, iniciando com a leitura da obra clássica “Pedagogia do Oprimido”, ampliando ainda mais meus olhares para a educação (matemática) e delineando os fortalecendo os nós que fui traçando nesse processo inicial de formação.

Para além das leituras relevantes indicadas pela Soninha, nas aulas ou fora delas, uma atividade acadêmica marcou de forma especial minha formação. Fomos desafiados por ela, no nosso último ano de graduação, a participar do 2º Encontro Luso Brasileiro de História da Matemática e II Seminário Nacional de História da Matemática, em Águas de São Pedro, no período de 23 a 26 de Março de 1997. Aceitamos o desafio, e um grupo de estudantes de licenciatura, junto com sua professora, se aventurou em um ônibus convencional, partindo da rodoviária de Juiz de Fora para o evento. A oportunidade de participar de um evento científico em âmbito nacional e internacional, conhecer alguns de nossos referenciais: Ubiratan D’Ambrosio, Sérgio Nobre, Elza Gomide, Luís Saraiva e tantos outros, proporcionou um descortinar de possibilidades para nossos caminhos para o futuro. Um jantar especial com o professor Sérgio Nobre nos ajudou a compreender o

processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro. Nossos olhos brilharam com a possibilidade de termos um caminho aberto para/pela pesquisa em Educação Matemática. Neste evento, além de ter conhecido o professor Ubiratan, tiramos nossa primeira foto juntos. Nosso primeiro encontro! *Enfim, conheci a criatura! Presente de último ano de graduação!*

Finalizado o curso de graduação no ano de 1998, no sábado da colação depois de um delicioso churrasco e momentos de confraternização com colegas de turma e professores queridos da Educação Matemática, parto para a Unesp de Rio Claro para fazer uma disciplina como aluna especial. Chegamos em Rio Claro no final da tarde, e meu ex-professor Amarildo todo animado para eu iniciar uma nova fase como aluna especial na disciplina “Álgebra Linear”, e ter o privilégio de ser aluna do Romulo Lins. Já havia combinado sobre minha hospedagem naquelas semanas intensas de curso de verão. Ficaríamos na casa do Romulo. Foi assim que vi o Romulo pela primeira vez. Chegamos na casa dele, e ele me recebeu muito bem. Na mesa da sala, havia muitos livros e anotações, um movimento intenso de estudos que parece ter virado a noite. Romulo me disse para ficar à vontade, e que ele tinha hábitos noturnos e não poderia me prometer café da manhã, kkkkk!.

Fui aprovada no processo seletivo, e no ano de 1999 iniciei meus estudos na Unesp de Rio Claro como aluna regular. Já familiarizada com o Programa, colegas, grupo de pesquisa e docentes, fiz mais um conjunto de disciplinas que agregaram muito na minha formação. Dessa vez, tive o privilégio de ser aluna do professor Ubiratan (*Meu segundo encontro com Ubiratan, sem saber que a vida me presentearia com muitos encontros com ele!*), na disciplina “Tendências em Educação Matemática”. Foi um show de aprendizado de como ser educador, pesquisador e um ser humano muito especial, próximo a todos os estudantes. Além de compartilhar suas transparências preparadas cuidadosamente para nossas aulas, ele compartilhava as palestras, eventos dos quais participava no Brasil e no exterior, destacando elementos das tecnologias, do Programa Etnomatemática e de teóricos com quem estava dialogando em projetos de pesquisa. Compartilhava também

dos projetos de pesquisa que orientava, sempre dizendo da importância e relevância dos temas por eles explorados. Um educador muito além do seu tempo, que tecia diálogos do mestre Paulo Freire a novos orientandos de mestrado e doutorado, com o mesmo respeito ao “ser humano” (verbo e substantivo). Para avaliação da disciplina, o professor Ubiratan utilizava o instrumento criado por ele: o relatório-avaliação. Foi incrível ter sido avaliada por esse instrumento avaliativo respeitoso e ter o retorno do professor de cada relatório entregue, de cada teórico citado e de cada reflexão realizada após suas aulas.

*“Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema!* Todos esses momentos e movimentos Sankofa, permitiram que hoje eu continue alargando minha família (*novas orientandas e orientandos!*) em torno do Programa Etnomatemática (*novas trocas com pesquisadores pelo mundo!*) e com as minhas pesquisas sobre o legado deixado por Ubiratan D’Ambrosio no APUA-Arquivo Ubiratan D’Ambrosio, junto ao Centro de Documentação da Memória Científica e Pedagógica d Ensino de Matemática-CEMAT na cidade de Santos em São Paulo/Brasil.

***"Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema":  
encontro com o Programa Etnomatemática e com Ubiratan D'Ambrosio***

***"Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema":  
meeting with the Ethnomathematics Program and with Ubiratan D'Ambrosio***

***"Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema":  
encuentro con el Programa de Etnomatemáticas y con Ubiratan D'Ambrosio***

**Resumo**

Inspirada pelo provérbio angolano "*Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema*" - "Vários nós tornam a corda comprida e muitos nascimentos alargam a família", da tradição oral Chokwe e pelo movimento Sankofa, ideograma da civilização Asante, atual Gana, pertencente ao conjunto de símbolos e códigos Adinkra que significa "conhecer o passado para melhorar o presente e construir o futuro", compartilho dois encontros que marcaram minha trajetória acadêmica e pessoal, "alargando minha família" em torno do Programa Etnomatemática. O encontro com a obra Educação Matemática da teoria à prática na minha formação inicial em matemática e meu encontro com Ubiratan D'Ambrosio.

**Palavras-chave:** Oralidade Chokwe. Sankofa. Programa Etnomatemática. Ubiratan D'Ambrosio. Formação inicial de professores.

**Abstract**

Inspired by the Angolan proverb "*Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema*" - "Several knots make the rope long and many births extend the family", from the Chokwe oral tradition and by the Sankofa movement, an ideogram of the Asante civilization, present-day Ghana, belonging to the set of Adinkra symbols and codes that means "to know the past to improve the present and build the future", I share two meetings that marked my academic and personal trajectory, "expanding my family" around the Ethnomathematics Program.

The encounter with the work Mathematics Education from theory to practice in my initial training in mathematics and my meeting with Ubiratan D'Ambrosio.

**Keywords:** Chokwe Orality. Sankofa. Ethnomathematics Program. Ubiratan D'Ambrosio Initial teacher education.

**Resumen**

Inspirado en el proverbio angoleño "*Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema*" - "Varios nudos alargan la cuerda y muchos nacimientos extienden la familia", de la tradición oral Chokwe y por el movimiento Sankofa, un ideograma de la civilización Asante, actual Ghana, perteneciente al conjunto de símbolos y códigos Adinkra que significa "conocer el pasado para mejorar el presente y construir el futuro", Comparto dos encuentros que marcaron mi trayectoria académica y personal, "ampliando mi familia" en torno al Programa de Etnomatemáticas. El encuentro con la obra Educación Matemática de la teoría a la práctica en mi formación inicial en matemáticas y mi encuentro con Ubiratan D'Ambrosio.

**Palabras clave:** Oralidad Chokwe. Sankofa. Programa de Etnomatemáticas. Ubiratan D'Ambrosio. Formación inicial del profesorado.